

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM 2022
NÍVEL MESTRADO**

THAIS SILVEIRA

**A MULHER NEGRA VAI FALAR E NUMA BOA:
Trajetória de Vera Daisy Barcellos**

São Leopoldo

2022

THAIS SILVEIRA

**A MULHER NEGRA VAI FALAR E NUMA BOA:
Trajetória de Vera Daisy Barcellos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Dra. Miriam Steffen Vieira

São Leopoldo
2022

THAIS SILVEIRA

**A MULHER NEGRA VAI FALAR E NUMA BOA:
Trajetória de Vera Daisy Barcellos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Dra. Miriam Steffen Vieira

São Leopoldo

2022

S587m Silveira, Thais.
A mulher negra vai falar e numa boa : trajetória de Vera
Daisy Barcellos / Thais Silveira. – 2022.
56 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2022.
“Orientadora: Dra. Miriam Steffen Vieira”.

1. Barcellos, Vera Daisy, 1942-. 2. Mulheres negras.
3. Interseccionalidade. I. Título.

CDU 396(=96)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

THAIS SILVEIRA

**A MULHER NEGRA VAI FALAR E NUMA BOA:
Trajetória de Vera Daisy Barcellos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovado em 13 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Giane Vargas Escobar – UNIPAMPA

Prof. Dr. Cristian Jobi Salaini – UNISINOS

Prof.^a. Dr.^a. Miriam Steffen Vieira – UNISINOS
ORIENTADOR(A)

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Por muito tempo, nós, mulheres negras, fomos silenciadas. Em um mundo com diversas circunstâncias que são estruturais e elaboradas para impedir o nosso progresso, chegar até aqui, de encontro com essa escrita, amplia a motivação de apenas agradecer.

O caminho nem sempre é linear ou coletivo, por isso, honrar trajetórias de mulheres negras, brasileiras, gaúchas, e com tanto potencial, é essencial para a história de um país que ainda ignora personagens principais de sua história. Em meu olhar, de agora pesquisadora, a direção sempre esteve de encontro com questões que atravessam a minha existência. Entendo que olhar para minha própria vivência, cultura, história, parte de abordagens eurocêntricas e que sempre estiveram presentes e existiram. O histórico das pessoas negras brasileiras não se resume a apenas escravização, limitação e sofrimento. Houve muitas iniciativas de progresso e de resistências. Essas ações podem não ter sido vistas, ouvidas e percebidas em sua essência, porém seu eco reverbera e se faz sentir de longe, até agora, em nosso tempo.

Sou grata por muitas possibilidades e a principal delas é ter o privilégio de conhecer Vera Daisy Barcellos, sua energia contagiante, competência e movimento que me fez inspirar desde o primeiro dia em que a conheci. De imediato, ela tornou-se a minha referência de jornalista, de mulher, de pioneira. Também sou fundadora de iniciativas no mercado editorial gaúcho e, para além de um trauma que poderia me derrubar, me reconstruí para que este impedimento não limitasse meus sonhos e objetivos.

Com imensa gentileza, Vera Daisy esteve sempre como uma incentivadora das minhas ideias. No lançamento da revista A Coisa Tá Preta (2013), em que gentilmente elaborou um artigo de sua autoria e participou na cerimônia de lançamento, e na estreia da revista Pretas (2017), na qual ilustrou a capa.



Lançamento da revista "A Coisa Tá Preta"- Porto Alegre, 2013



Thais Silveira, Jeanice Ramos, Vera Daisy Barcellos e Renata Lopes no lançamento da revista A Coisa Tá Preta. 2013

P R E T A S

edição 1
2017
RS 7,00



Capa da 1ª edição da Revista Pretas. Porto Alegre. 2017

Com este trabalho, também pude acessar momentos de sua vida descritos com tanta alegria, superação, coragem, ao quebrar paradigmas e se lançar aos

desafios. O que ela fez, ao perseverar em um caminho não percorrido pela sua descendência familiar e, em meio aos desafiadores parâmetros da época, é extraordinário. Ela é energia, é movimento, é uma inspiração para muitos sonhos e se expressa numa boa. Obrigada, Vera Daisy!

Agradeço à minha ancestralidade, àquelas que vieram antes de mim, e à próxima geração, que poderá ter a oportunidade de conhecer e trilhar estes mesmo passos. Esta escrita é, na realidade, mais um aplauso para quem faz a nossa história. Sei que neste espaço sou uma, mas não ando só.

RESUMO

A proposta do presente estudo é discutir a experiência social da interseccionalidade na vida das mulheres negras. A discussão tem como foco a trajetória de Vera Daisy Barcellos, importante comunicadora, negra e gaúcha com mais de 50 anos de atuação. Seu pioneirismo na imprensa gaúcha, para além do campo da militância conduz a reflexão desta pesquisa que se propõe a compreender as vivências da interseccionalidade de gênero e de raça, suas manifestações nas práticas cotidianas e vivências sociais, além das inter-relações das desigualdades e opressões. A pesquisa, de caráter qualitativo e com técnica de entrevistas semiestruturadas, também leva em consideração contribuições do pensamento feminista, com ênfase no conhecimento produzido por pensadoras negras. Por fim, se busca contribuir com modos de pensar e fazer ciência, a partir de uma episteme afro-centrada, afrodiaspórica, feminista e múltipla.

Palavras-chave: Vera Daisy Barcellos. Mulheres negras. Interseccionalidade

ABSTRACT

The purpose of this study is to discuss the social experience of intersectionality in the lives of black women. The discussion focuses on the career of Vera Daisy Barcellos, an important black communicator from Rio Grande do Sul, who has been active for more than 50 years. Her pioneering role in the Rio Grande do Sul press, beyond the field of activism, leads to the reflection of this research, which aims to understand the intersectionality of gender and race, their manifestations in everyday practices and social experiences, as well as the interrelationships of inequalities and oppressions. The research, which is qualitative in nature and uses semi-structured interviews, also takes into account contributions from feminist thought, with an emphasis on knowledge produced by black thinkers. Finally, the aim is to contribute to ways of thinking and doing science, based on an Afro-centered, Afro Diasporic, feminist, and multiple epistemology.

Keywords: Vera Daisy Barcellos. Black Women. Intersectionality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Experiência pessoal e conexões intergeracionais	11
1.2 Delineamento metodológico	14
2 INTERSECCIONALIDADES COMO EXPERIÊNCIA	19
2.1 Pensamento feminista negro no Brasil	19
2.2 Falando numa boa: trajetória de Vera Daisy Barcellos	25
3 CAPÍTULO ANALÍTICO	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE - A	55

1 INTRODUÇÃO

Entender e desconstruir o lugar de sujeitos, em especial na sociedade brasileira, é uma indagação política e social que converge com o passado histórico. O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravização e o que mais trouxe escravizados de África entre os séculos 16 e 19. Este ato mantém consequências estruturais até os dias atuais. Em termos numéricos, o país registra a maior população negra fora do Continente Africano.

Também se faz necessário apontar qual é o conceito de raça que vem sendo empregado neste estudo. Na perspectiva de Lélia Gonzalez (1983), no Brasil, não se nasce negro, mas torna-se. A mesma concepção é abordada por Neusa Santos (1983), quando explana sobre o tornar-se negro. Entendendo a negritude enquanto uma definição ligada ao fenótipo no Brasil, onde, quanto mais escura for a cor da pele, assim como os traços negróides, mais acentuadas são as formas de discriminação.

Diáspora, memória e construção identidade são marcadores que permeiam um campo complexo de diferentes perspectivas sociais entre negros e brancos, no Brasil. As identidades no país foram constituídas por etnias, de origens indígena, africana e branca europeia, por isso, falar de raça remete à opressão e resistência. Para Nilma Lino Gomes, no artigo "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil" (2005), as imagens construídas sobre o "ser negro" e o "ser branco" no Brasil estão relacionadas ao período da escravidão e racismo. Assim salienta uma reflexão séria de como a sociedade elabora mecanismos para reprodução do racismo, pois ao encontrarmos maneiras de transpor essas barreiras, de certo modo colocadas como invisíveis, conseguiremos auxiliar as futuras gerações para que o senso de inferioridade não seja mais reproduzido, principalmente para determinar os marcadores sociais.

Considerando a perspectiva de que sujeitos e identidades são construídos por meio de práticas que expressam demandas da sociedade, um debate crítico sobre sujeitos racializados e o protagonismo de suas histórias de vida pode auxiliar na compreensão de novas dinâmicas mais atentas a um olhar descolonizador. A

trajetória da jornalista gaúcha Vera Daisy Barcellos é exemplo de uma experiência social atravessada por questões de gênero e de raça.

A primeira vez em que escutei a frase: "Estou liberta, o diploma foi o meu passaporte!", dita pela jornalista Vera Daisy Barcellos, em entrevista ao Podcast BNcast, idealizado pelo projeto Blogueiras Negras, isso me remeteu a um contexto de diversas opressões. Essencialmente, pela correlação entre uma conquista e uma carta de alforria. Não se trata apenas de um grau de escolaridade obtido, mas de uma mudança de vida estabelecida, a partir daquele momento, e que envolve um legado revolucionário para novos sujeitos.

A partir de uma perspectiva de que sujeitos e identidades são construídos por meio de práticas que expressam demandas da sociedade, nesta pesquisa buscarei compreender a interseccionalidade enquanto uma experiência social. Minha proposta de trabalho se propõe a responder, de maneira significativa, a seguinte questão: Como as experiências de gênero e raça atravessam a trajetória de Vera Daisy Barcellos?

Busco, com essa proposta, refletir sobre a interseccionalidade para além de uma ferramenta teórica e, de fato, alinhada com uma nova estrutura de saber e ação política. Conforme Vigoya (2016) esta perspectiva teórica e metodológica da interseccionalidade retrata uma expressão que contempla imbricações das relações de poder. Além disso, com esta análise, se pretende destacar a importância da compreensão dos estudos sociais e de novas correntes de pensamento no mundo contemporâneo para auxiliarem no entendimento dessas novas realidades.

O que me impulsiona a realizar esta proposta de pesquisa é contribuir com uma abordagem epistêmica na qual pessoas negras sejam também os sujeitos de pesquisa. Minha vivência pessoal - mulher, negra, gaúcha, - e profissional, no campo da comunicação, com atuações nas funções de jornalista, assessora de comunicação, empreendedora, editora da revista Pretas (2017-2019), professora no Master in Business Administration (MBA) em Diversidade e Desenvolvimento de Práticas Inclusivas da Universidade La Salle - o pioneiro na temática no país, ativista e comprometida em desenvolver projetos de comunicação com foco na pluralidade de narrativas, também se desenvolve no Rio Grande do Sul.

É a partir deste ponto de partida que trarei uma análise sobre interseccionalidade, mulheres negras, a episteme afro-centrada, afrodiaspórica,

feminista e múltipla. Pretendo unir minha experiência pessoal e interesse acadêmico para contribuir no campo de estudo das Ciências Sociais que contemple outros modos de pensar e fazer ciência. Diante de regimes repressivos, como colonialismo e racismo, as relações sociais implicaram no silenciamento de algumas vozes e esta herança de hierarquias segue reproduzindo dinâmicas da sociedade. Os estereótipos do negro, apontado em uma constante condição de marginalização, já não passa despercebido por uma parcela da população e de pensadores afrocentrados que incluem raça não no sentido biológico, mas no contexto político. Em inúmeras dinâmicas sociais brasileiras, as instituições demonstram uma relação arbitrária e autoritária em relação à população negra. Em muitos casos, com uma violência extrema, inclusive.

Além disso, os indicadores sociais demonstram que os dados de violência, mortalidade, salários mais baixos estão atrelados à população negra. Quando a análise inclui raça e gênero, as mulheres negras ocupam a “base da pirâmide”. A famosa frase da filósofa norte-americana Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, representa para mulheres negras, assim como eu, uma realidade difícil, mas real.

Incluirei contribuições do pensamento feminista em contextos diversos, com ênfase em análises comentadas por pensadoras negras, enquanto produtoras de conhecimento, a exemplo da antropóloga, historiadora e filósofa, Lélia González. Também realizo uma analogia com uma das frases mais conhecidas em seu trabalho, “*o lixo vai falar, e numa boa*” - presente no texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, de 1988, para desenvolver o título da pesquisa. Ao analisar o reflexo de uma sociedade composta no emaranhado do racismo e das desigualdades e que embasam, muitas vezes, o senso comum, reescrevo: “*A Mulher Negra vai falar e numa boa!*”. Para reforçar essa possibilidade, recorro à história de vida de Vera Daisy Barcellos, a quem o dom de comunicar é característico.

Diplomada no curso de Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1971 e a primeira mulher negra que assumiu a presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SINDJORS), em 76 anos de história, atual presidente do Vera Daisy Barcellos nasceu em 7 de outubro de 1942 e

completa 50 anos de atuação no campo da comunicação. Sua atuação perpassa o campo da militância do movimento negro, em organizações de mulheres negras e com grande representação na imprensa gaúcha. Na década de 70, atuou como jornalista responsável da revista *Tição*, idealizada por jovens negros blackpowers que sonhavam em se verem refletidos nas páginas de uma revista. Também demarca um espaço pioneiro como mulher negra e no feminismo, como a primeira mulher a realizar cobertura de esportes, no ano de 1978, no jornal *Zero Hora* - reconhecido entre os principais veículos de comunicação do Sul do país.

Outro aspecto relevante dessa pesquisa também compreende que ainda não existem registros acadêmicos, como em acesso público em Periódicos da Capes, por exemplo, que contemplem a magnitude desta intelectual na formação crítica da sociedade. Meu intuito, ao realizar este estudo de trajetória, é visibilizar como as mulheres negras construíram uma estrada composta pela necessidade de um exercício político pautado com ideias pioneiras em seus tempos.

1.1 Experiência pessoal e conexões intergeracionais

Escrever histórias faz parte da minha trajetória enquanto jornalista. Porém, o motivador para esta presente pesquisa eu encontro na minha ancestralidade. Reconhecendo a minha identidade de uma mulher negra, esse resgate também remete à imagem de Sankofa - um pássaro mítico ou um coração estilizado – que representa um símbolo de resistência, cuja origem africana foi trazida para o Brasil na época colonial. A imagem significa voltar e buscar aquilo que ficou para trás. Interpreto também como uma mensagem que me diz: “volte e retome o seu lugar no mundo!”. Em outras palavras, representa a volta para adquirir conhecimentos do passado e a sabedoria.

Eu tinha 14 anos quando fui selecionada para uma competição de língua alemã como estudante de maior desempenho, e a única estudante negra, em minha escola particular de elite. Vivíamos em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul onde a maioria das atividades culturais girava em torno de seus descendentes de alemães. Os habitantes da cidade organizavam regularmente eventos públicos elaborados como a *Oktoberfest* para celebrar sua descendência. As crianças eram encorajadas a aprender alemão nas escolas locais e era comum encontrar reuniões sociais onde

não se falava português. Meus pais, influenciados pelo MNU - Movimento Negro Brasileiro, investiram muito em minha educação, embora eles mesmos, na época, ainda não houvessem obtido uma graduação em ensino superior. Minha mãe trabalhava em uma empresa de buffet e meu pai era um administrador em uma empresa de caminhões. Meu pai também era presidente de um clube social negro e local - Sociedade Cultural e Beneficente União, - que se concentrava em promover a cultura e a herança afro-brasileira. Tanto ele quanto minha mãe me inculcaram um senso de orgulho em nossas raízes africanas.

O prêmio do concurso proporcionaria uma oportunidade de estudar na metrópole mais importante do Brasil, São Paulo, sob um estágio para uma prestigiosa empresa alemã. Eu representei minha escola secundária no evento e era claramente o melhor falante do idioma, mas não ganhei. Um mês após o concurso, uma professora da escola me revelou que os juízes nunca escolheriam uma pessoa negra para ganhar o grande prêmio. Naquele momento, eu me tornei negra". O trauma também encerrou meus estudos da língua alemã. Embora eu tenha vivenciado algumas situações desconfortáveis - e depois pude concluir que eram racistas - com algumas das crianças da escola quando eu era muito jovem, nada jamais havia impedido o meu progresso. Os alunos brancos que venceram a competição passaram a ter carreiras ilustres vivendo e trabalhando no exterior e inúmeras oportunidades de progresso. O evento me levou à percepção dos modos sutis e inconscientes que o racismo estrutural opera e de como o poder é reproduzido geracionalmente. Na época me faltou uma compreensão do contexto histórico no qual ocorreu a minha situação. Em uma região com a maioria da população branca, com descendência germânica, mesmo que a minha capacidade em aprender um idioma estivesse de acordo com as exigências da competição, em um dos quesitos eu sempre estaria em desvantagem. A minha imagem estava fora dos padrões. A partir disso, eu soube que, independente das minhas capacidades ou condições financeiras para acessar lugares de excelência, de ensino, como uma mulher negra, eu teria que criar minhas próprias oportunidades e para outros, como eu.

Depois do ensino médio, decidi cursar o bacharelado em jornalismo. Além de uma facilidade em escrever, e gostar dessa atividade, a minha decisão foi motivada pela falta de representação de pessoas negras que fui percebendo ao crescer e frequentar os espaços relacionados à minha escola e ao núcleo de amigos com realidades diferentes da minha. A minha atitude também foi baseada no meu desejo

de criar mudanças, não apenas em cidades pequenas como a minha, mas em comunidades maiores. Como mulher negra, senti-me obrigada a combater este apagamento e a contar as histórias do meu próprio povo. Buscando explorar outras narrativas sobre raça, gênero e inclusão social, mudei-me para Porto Alegre, a capital do estado, para mais perspectivas de emprego. Ainda era uma estudante de jornalismo quando conquistei uma oportunidade no jornal Zero Hora.

A partir disso, muitas possibilidades de unir a comunicação com a pauta racial surgiram. Lembro que, quando eu indagava as pessoas sobre alguma referência nesta área, a recomendação era: “Você já conheceu a Vera Daisy?”. E, quando esse dia chegou eu recordo que, com toda generosidade, Vera Daisy estendeu o convite para que eu participasse do Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros (Sindjors). Essa proximidade com outras parceiras com o mesmo propósito que o meu foram fundamentais para que eu colocasse em prática a minha meta. Alguns anos depois fundei a Pretas (2017-2019), uma das primeiras revistas do Brasil focada nas mulheres negras. A revista foi o carro-chefe da minha editora A Coisa Tá Preta, que criei em 2013 para lançar publicações online e offline, assim como organizar e produzir eventos. Através de minha empresa eu compartilhei meus conhecimentos em workshops, realizei consultoria, trabalhos em assessoria de imprensa e de comunicação, organizei eventos, tudo para o empoderamento das mulheres negras brasileiras.

Embora estas experiências fossem gratificantes, eu sabia que algo ainda estava faltando. Após concluir minha pós-graduação em História e Cultura Afro-Brasileira, obtive minha primeira experiência como professora. Ensinei o curso Questões Étnico-Raciais e Racismo nas Organizações na Escola de Negócios da Universidade de La Salle, em Canoas. Igualmente importante foi meu papel como mentora para outros estudantes que espantavam-se com uma pessoa negra, assim como eles, ou seus familiares, em um espaço de ensino, de produção de conhecimento, e na função de professora. Um evento de grande importância em meu desenvolvimento como ativista ocorreu na minha viagem de imprensa à África do Sul, em 2019. Como reconhecimento pelo meu trabalho na mídia, fui uma, entre quatro jornalistas da América Latina, a receber um convite da diretoria da South African Tourism. Nunca havia sentido de forma tão prática, o que significa pertencimento. Durante minha viagem, tive o prazer de relatar histórias sobre mulheres negras que são empresárias africanas. A partir de um produto ou de uma ideia, elas também deixam

suas marcas, contam suas histórias, reverenciam seu passado e estruturam um futuro. Também foi possível repensar em um paralelo com a minha realidade brasileira. Voltei ao Brasil com um espírito renovado e ainda mais determinado para servir minha comunidade. Como acadêmica e ativista, minha jornada pessoal e profissional alinhou os temas de raça, gênero e justiça social. Envolvi e criei uma grande variedade de atividades com empresários negros, representantes do governo, líderes do setor privado, organizações não-governamentais e instituições acadêmicas. Para maximizar o potencial de minha diversificada formação e treinamento, eu sabia que precisava dar o próximo passo em minha jornada educacional de nível superior e reconhecer outras possibilidades, em uma de alguma maneira,

Minhas experiências me colocaram no caminho para buscar, assim, como o pássaro de Sankofa, simbologia deste trabalho, olhar para o passado, ressignificar o presente e transformar o futuro. Este movimento entende que a gente só sabe quem é, se a gente sabe de onde veio. Assim, meu intuito passa a ser, com esta escrita, contribuir com o campo da comunicação para que outras vozes da comunicação sejam reconhecidas e visualizadas para além de uma aristocracia intelectual.

Há mais de 50 anos, Vera Daisy conquistou o que chama, simbolicamente, de uma carta de alforria. O seu diploma de graduação lhe conferiu a autorização para exercer a profissão de jornalista e assim ela vem escrevendo muitas histórias. Seja com as ferramentas básicas para exercer o jornalismo, com um bloco de notas, um papel e uma caneta, ela segue falando, fazendo, realizando e inspirando muitas gerações, numa boa! O meu intuito é que este trabalho se funde como uma dedicatória à pioneira e estabeleça o início do resgate de que contribuem com a história do país, e mudam as narrativas para novos imaginários ainda possíveis em uma nação.

1.2 Delineamento metodológico

Esta pesquisa visa compreender como as interseccionalidades de gênero e de raça são vivenciadas, enquanto uma experiência social, a partir da trajetória da jornalista gaúcha Vera Daisy Barcellos. Com base em suas narrativas, procuro (1) identificar como as interseccionalidades de gênero e de raça se manifestam nas

práticas cotidianas, nas vivências e experiência social; (2) verificar as inter-relações entre interseccionalidades, desigualdades e opressões; e (3) contribuir com a construção de conhecimento emancipatório e alternativo.

A metodologia nesta pesquisa será qualitativa, com base na técnica de entrevistas semiestruturadas (Marcia Lima, 2014) e análise de documentos (Cellard, 2012). A definição desta estratégia de investigação também levou em consideração o tema investigado, a familiaridade da entrevistada com este tipo de processo e a relevância do material a ser obtido neste processo de apuração. Neste contexto, serão obtidos dados qualitativos e relevantes para destacar outros apontamentos que tragam visibilidade às trajetórias de pessoas negras que desempenharam atos revolucionários na sociedade, por meio de uma ação política e de saberes.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no mês de outubro de 2021, mediante aceite e disponibilidade de Vera Daisy Barcellos. As entrevistas foram concentradas em dimensões da trajetória profissional e acadêmica, do ambiente familiar, da atuação política, da participação em organizações de mulheres negras e com ênfase no pioneirismo, com duração de mais de três horas. As entrevistas foram realizadas remotamente, no formato de videoconferência, e, posteriormente, transcritas para análise.

Para Lima (2016), a entrevista revela a oportunidade de retomar as experiências de vida registradas em memórias e o entrevistador possui uma função relevante na busca destas informações. O recurso soma-se em um conjunto de dados para investigação.

Através da entrevista é possível construir histórias de vida, captar experiências, valores, opiniões, aspirações e motivações dos entrevistados, escolhidos segundo os critérios e interesses do tema investigado. (LIMA, 2014, p.26)

Assim como defende Lima (2014) o entrevistador segue um determinado número de questões principais e específicas, em uma ordem prevista, mas é livre para incluir outras questões. Ainda em relação ao tipo de entrevista escolhida, considera-se que nas histórias de vida o interesse do pesquisador está conectado com a trajetória de vida dos entrevistados diante alguns episódios associados às situações presentes.

A história de vida pressupõe uma série de encontros, pois a profundidade que se busca nesses relatos não seria possível com apenas um contato. O intuito é que o pesquisador tenha um maior controle sobre a situação e a motivação dos entrevistados a partir de informações contextuais, ou seja, o foco não deve ser apenas o relato, mas o relato em um contexto que faz parte da gama de interesses do autor.

Somado a essa reflexão, Queiroz (1986) ainda reforça que o relato do que um narrador considera relevante, reconstituindo acontecimentos que considera significativos em sua vivência, é tarefa do pesquisador desvendar.

Para a análise de documentos recorrerei ao autor André Cellard. Segundo Cellard, a análise documental como fonte de pesquisa acrescenta à dimensão do tempo a compreensão social: "possibilita um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação de ideias, conceitos, conhecimentos, comportamentos, indivíduos, grupos, instituições, mentalidades, práticas, etc" (CELLARD, 2012, p.295).

Outra vantagem no uso de documento escrito, segundo Cellard (2012, p.295), é em relação ao plano metodológico, pois de alguma forma, "elimina a eventualidade de influência, – a ser exercida pela presença do pesquisador – do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida".

Os documentos serão, basicamente, decorrentes de levantamentos documentais já realizados, sobre notícias na imprensa, material bibliográfico de autoria de Vera Daisy Barcellos e que destacam sua trajetória no campo do jornalismo, assim como lives, participação em aulas magnas e congressos por meio de palestras. Considerando que a pesquisa está amparada em uma trajetória individual, com o objetivo de identificar como se entrecruzam gênero e raça nesta vivência, aprofundarei a bibliografia sobre narrativas bibliográficas e experiência social presente nos pensamentos de Joan Scott (1999) e Suely Kofes (2015).

O próprio debate conceitual em torno do conceito de interseccionalidades apresenta *insights* para observar a experiência social enquanto corporificada, ou seja, atravessada por gênero e raça, assim como classe. Ao compreender que narrativas de vida contribuem com uma nova proposta etnográfica, revisito às principais reflexões neste enfoque. Kofes (2015), que anuncia o interesse entre

experiências, grafias e a escrita antropológica ao aprofundar a abordagem etnográfica pelo viés de narrativas com o cunho biográfico. Nesta dimensão contemporânea, a relevância consiste em sinalizar a vida profissional, como autobiografia, memorial, curriculum vitae ou dossiê.

Biografia e autobiografia teriam como referência a vida – parte constitutiva da etimologia dessas palavras, ou seja, grafia da vida, grafia da minha vida –, mas um malabarismo semântico terminou por conotar o termo “vida” com o significado de indivíduo. (Kofes, 2015,p.20)

Também incentivarei, para além desta reflexão, o reconhecimento de bibliografias que semeiam a possibilidade de novas narrativas e vozes, pois o impacto da produção acadêmica é mais efetivo quando abrange além dos limites físicos da universidade. A escritora, teórica e artista Grada Kilomba (2020) aborda a descolonização do conhecimento a partir do posicionamento de Gayatri C. Spivak (1995) sobre a subalterna silenciosa. Ao argumentar “Pode a subalterna falar?”, diante de uma inclinação de que poder racial e conhecimento estão entrelaçados, Spivak confirma a simbologia do sujeito oprimido. A dificuldade em articular fala em meio ao regime do colonialismo e racismo sustentam a ordem colonial de que grupos subalternos possuem menos capacidade em falar e sustentar discursos, tornando-se silenciosos. De imediato, algumas perguntas surgem para indagar o desenvolvimento de discursos teóricos:

"Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (KILOMBA, 2020, p.5).

Em uma perspectiva de diálogo para refletir sobre o conceito da interseccionalidade, aprofundarei as considerações da pesquisadora Carla Akotirene (2019). Na obra, as discussões evidenciam as vivências e intersecções que atingem as mulheres negras, desfazendo a compreensão de um feminismo global, hegemônico e com uma voz única. Cunhado por Kimberlé Crenshaw, autora afro-estadunidense, em 2001, o termo interseccionalidade ganhou relevância nos últimos anos ao elaborar um instrumento teórico-metodológica inseparável do

racismo, capitalismo e de questões que cruzam as identidades das mulheres negras constantemente em relação ao gênero, à raça e classe.

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (AKOTIRENE, 2019, p.14)

Por fim, esta dissertação está estruturada em três capítulos. Neste primeiro, realizei uma introdução ao tema, à construção da problemática de pesquisa e seu delineamento metodológico. No segundo capítulo, apresento a contextualização teórica, focando no pensamento feminista negra, principalmente no Brasil, a vivência interseccional e experiência de Vera Daisy Barcellos e, por fim, um capítulo descritivo e analítico a partir das entrevistas realizadas.

2 INTERSECCIONALIDADES COMO EXPERIÊNCIA

Esta pesquisa está amparada em um enquadramento teórico-metodológico que articula a dimensão da experiência social com interseccionalidades, especialmente considerando as categorias de raça e gênero. Para tanto, apresento este enquadramento teórico metodológico em dois tópicos articulados: (a) pensamento feminista negro no Brasil: articulações possíveis entre Lélia Gonzalez e Vera Daisy Barcellos e (b) narrativas biográficas na antropologia e estratégias teórico-metodológicas.

2.1 Pensamento feminista negro no Brasil

A realidade de ser uma mulher negra no Brasil traz uma sequência de eventos relacionados ao passado. A experiência atual que as mulheres negras brasileiras estão vivendo pode revelar muitas causas.

Os contextos históricos de escravidão continuam a impactar muitos brasileiros hoje em dia. Em outras palavras, o fato de o Brasil ter sido o último país a proibir a escravidão no mundo ocidental gerou uma forma particular de tratar todos os cidadãos negros no país hoje. Esta decisão foi influenciada pelo impacto econômico. Por exemplo, a economia brasileira foi baseada no tráfico de escravos até 1888. Os escravos eram obrigados a trabalhar longos dias em plantações, como café e açúcar. Não oferecendo condições adequadas, estas práticas contribuíram para as crenças discriminatórias atuais. Além disso, o Brasil nunca teve uma lei de segregação ou um sistema de apartheid. Em contraste com a África do Sul ou os Estados Unidos, onde negros e brancos eram separados em demarcações visíveis, o Brasil encobriu os mecanismos de exclusão por papéis invisíveis. Por exemplo, educação acessível, posições políticas ou oportunidades de emprego são lutas que refletem a exclusão dos Negros, a maioria da população brasileira. Apesar da ideia de que o Brasil era composto de várias raças, e devido à diversidade, as pessoas viveriam em uma democracia racial, este era um mito.

O conceito de que o Brasil era uma democracia "racial" foi apoiado por pesquisadores da academia e afetou a forma como os brasileiros viam o papel da raça em suas próprias vidas. Negreiros (2022) argumenta que, comparado a outros países, como os Estados Unidos, a falta de pesquisadores pensando em estudos raciais contribuiu para reafirmar o Brasil como um país sem racismo. Por último, a escravidão ampliou as consequências na construção da identificação racial no

Brasil. Os africanos brasileiros ainda têm dúvidas sobre sua identidade no processo histórico, principalmente em relação à cor de sua pele. Um caso em questão, uma pessoa que foi criada com certos privilégios por ser de pele clara ainda poderia sofrer alguma discriminação e não entender exatamente as razões. Como o movimento negro tem defendido a denúncia do racismo no país e promovido referências positivas à Negritude, o número de brasileiros que se auto identificam como negros tem aumentado. Essas evidências descrevem o quanto o Brasil ostenta as marcas da exploração econômica e da subordinação racial.

A mídia também abordou as dimensões de gênero, raça e o legado colonial de forma negativa. Com a expressão "racismo cordial", a mídia também contribuiu para relatar o racismo como algo de menor impacto. Estes efeitos influenciaram a imagem das questões raciais do Brasil no exterior, a participação de pensadores negros na academia e afetaram a vida dos brasileiros (NEGREIROS, 2022). Desde o período pós abolição, as relações raciais têm influenciado a estrutura da vida cotidiana e as formas de pertencer estabelecidas por grupos historicamente excluídos. Devido a uma estrutura social concebida pós-abolição, juntamente com o racismo inserido no inconsciente coletivo, a história e a cultura dos brasileiros negros não têm muito espaço para valorização na mídia tradicional. A visão dominante do povo negro tem sido a de que ele deve ser representado com inferioridade. Especificamente, representações negativas da mulher negra têm reforçado estereótipos, como a escrava, a empregada, ou a mulata, que representou por tanto tempo o símbolo da cultura brasileira no Carnaval. Outras expressões são utilizadas inconscientemente na vida cotidiana. Por exemplo, da cor do pecado, ou mulata tipo exportação (mulata tipo exportação), muitas vezes dito como forma de elogio, reforça a hipersexualização dos negros, especialmente das mulheres.

No período colonial, as mulheres negras eram sexualmente violentadas. Para as meninas e mulheres negras, isso ainda pode enviar a mensagem de que seus corpos estão à disposição dos outros. A reprodução do racismo vem assumindo diferentes formas. Um destes formatos é a microagressão. Segundo Pinthieve (2022), esta é uma das formas mais violentas de menosprezar uma pessoa que é vítima de racismo e sexismo. Estes atos, embora não sejam marcados pela consciência, fortalecem a superioridade branca em contraste com a inferioridade negra. Além disso, a imprensa negra provocou um momento revolucionário na sociedade brasileira. O núcleo destas publicações foi destacar novos ideais, discutir

impactos políticos e engajar os negros em um sentido de comunidade. Ao compartilhar conhecimentos de forma abrangente, estes criadores negros assumiram um papel educacional e contribuíram com novas narrativas que abordam o tema racial, empoderamento, cultura, moda, beleza, sempre no contexto de uma agenda estabelecida pela cultura afro-brasileira. Estes novos disseminadores de conhecimento exercem influência, promovem reflexões e até trazem novas perspectivas sobre a presença negra na história do Brasil. Portanto, assumir a responsabilidade de desenvolver novas interpretações no campo da comunicação é um grande desafio, ainda mais quando na interação existem sinais representativos de exigências hierárquicas.

Por uma abordagem conceitual sobre raça, racismo, identidade e etnia, Munanga (2004) salienta que a raça, não sendo um conceito biológico ou científico, apenas explica a diversidade humana. Sendo assim, o grande desafio, ao abordar a raça, nasce com os naturalistas dos séculos XVIII-XIX, que não se limitaram por uma classificação física.

Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. (MUNANGA, 2004, n.p.)

Na construção do pensamento brasileiro, a pensadora feminista Lélia Gonzalez realizou um importante debate sobre a condição das mulheres negras no Brasil. Em seu escopo teórico aborda: racismo, mulheres negras, classes populares, indígenas e populações negras. Protagonista de sua época (nasceu em 1º de fevereiro de 1935) realizou com maestria, uma fotografia do Brasil com suas lentes do conhecimento de uma estudiosa do campo sociológico. Integrou a criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ), do Movimento Negro

Unificado, do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras-RJ, do Olodum-BA e outras frentes. Desde a década de 80, denunciava que os entendimentos estabelecidos a respeito de raça e sexismo necessitavam de uma análise mais apurada. Destaca-se quando lança o livro "O lugar de negro" (1982) com Carlos Hasenbalg, sinalizando uma compreensão de que a luta contra o racismo era uma questão que deveria ser tratada entre pessoas brancas e negras.

Historiadora e filósofa, Lélia González escreveu livros, artigos científicos, colunas para jornais, cartas e concedeu diversas entrevistas que se mantêm como objeto de estudo para compreensão das dinâmicas da sociedade brasileira. Seus pensamentos e críticas permanecem contemporâneos ao jogar luz sobre questões complexas, como a relação entre racismo, desigualdade social e sexismo. "Ela foi uma grande ativista, uma personagem relevante para a democracia brasileira, esteve na base dos partidos de oposição, lutava contra a ditadura e, depois, se candidatou a cargos públicos, lutou pelos negros. Ela transitava por muitos ambientes"¹, relatou a pesquisadora Flavia Rios, responsável pela organização do livro "Por um feminismo afro-latino-americano" (2020).

Sua obra passa a ganhar notoriedade, além do círculo da militância, após uma provocação da também ativista, pensadora, professora e um ícone do feminismo negro norte-americano, Angela Davis, quando esteve proferindo palestra no Brasil para lançamento de sua autobiografia "A liberdade é uma luta constante", em São Paulo (2019). Em certo momento, resumiu: "Eu me sinto estranha quando sinto que estou sendo escolhida para representar o feminismo negro. E por que aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Eu acho que aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês poderiam aprender comigo"².

No ano anterior, Angela Davis já havia alertado sobre a necessidade que Lélia deveria ser lida e ouvida. A partir deste momento, muitos olhares voltaram-se para resgatar a obra de Lélia González e suas reflexões, sendo possível a publicação do livro Primavera Para as Rosas Negras (2018) que estava sendo articulado e organizado por instituições do movimento negro e por falta de auxílio não havia sido

¹ Reportagem: Angela Davis recomendou: quem é Lélia Gonzalez, ícone do feminismo no país. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/02/01/lelia-gonzalez.htm>. Acesso em: 10 jul.2021

² DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. 19 out 2019. 1 vídeo (1h:03min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s>. Acesso em: 15 jul.2021 TV Boitempo

ainda publicado em grande volume. Com este incentivo, a obra de Lélia González, que já era conhecida entre militantes do movimento negro ganha proporções para outras áreas. Outra contribuição recente (2020) é da obra "Por um feminismo afro-latino-americano", que reúne ensaios consagrados, entrevistas antológicas, traduções inéditas e demais escritos.

Ao aprofundar o conceito de "amefricanidade" (1988), Lélia Gonzalez leva uma reflexão sobre o papel das mulheres negras do Brasil, assim como se constituiu o espaço de desigualdade que ocupavam desde aquela época. A militante, política e pesquisadora Luiza Bairros, um dos grandes nomes no Brasil na luta contra o racismo, "Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994", complementa que como caráter metodológico, o núcleo da amefricanidade se expressa na "cotidianidade de nossos falares, gestos, movimentos e modos de ser que atuam de tal maneira que deles nem temos consciência." (BAIRROS, 1999).

As discussões sobre racismo e sexismo pontuaram a maior parte de suas obras. Cabe ressaltar que o termo gênero, conhecido na contemporaneidade, não figurava em suas discussões pois recorria à noção de sexo e sexismo, partindo de uma compreensão em que as diferenças biológicas estão imbricadas com o social e cultural (CARDOSO, 2014). Em um dos seus textos mais emblemáticos, "Racismo e Sexismo na cultura brasileira" (1984), Gonzalez elucida algo que a incomodava na reprodução de imagens sobre a mulher negra no âmbito das ciências sociais e que insistia em noções limitadas a uma perspectiva socioeconômica: a noção de mulata, doméstica, a mãe preta. Além destes elementos, indaga a lógica da dominação, pois, de certa maneira, era como se os negros estivessem na lata do lixo da sociedade.

E justamente a partir da alternativa proposta por Miller³, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (GONZALEZ, 1988, p.225).

O compromisso das mulheres negras com a transformação social era visto por Lélia como prioritário. "Como amefricanas sabemos o quanto trazemos em nós a

³ Jacques-Alain Miller, autor da Teoria da Alingua (1976)

marca da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo, trazemos a marca da libertação de todas e todos” (CARNEIRO, 2020). Neste sentido, também chamava atenção aos efeitos violentos do racismo articulado com a ideia de dominação.

Os artigos "Democracia racial? Nada disso!" (1981) e uma carta-aberta ao apresentador Chacrinha (1982) são exemplos de como sua crítica ao mito da democracia racial (endossado por Gilberto Freyre na obra Casa Grande e Senzala - 1933) sempre estiveram presentes. Na época, não era comum o debate sobre a ausência de pessoas negras na TV ao que Gonzalez expôs: expôs: "Existe ou não discriminação racial em nosso país?". Em seguida, descreveu que Chacrinha "pôs os pingos nos is" ou, o preto no branco, ao revelar que a ordem nos programas de auditório nas emissoras em que atuava era proibir que câmeras que focalizassem diretamente o auditório, para que os negros não fossem mostrados. Eram proibidos os closes dos/as negros/as componentes desse público fiel. (GONZALEZ, 1982).

A partir de Lélia Gonzalez se compreenderá o "ser mulher e negra" e ocupar um lugar peculiar na sociedade, permeada por múltiplas determinações que dificultam a sua inserção social. Gonzalez anuncia o "tornar-se negra" como um "processo social de construção de identidades, de resistência política, pois reside na recusa de se deixar definir pelo olhar do outro" (CARDOSO, 2014).

Diante disso, pode-se pensar também a formação das organizações de mulheres negras em sua pluralidade, porém em uma experiência única quando se trata de sujeitos que vivem a realidade brasileira. As contribuições da pesquisadora Nubia Regina Moreira, a partir de sua dissertação (2007), estão entre os primeiros estudos, no campo sociológico, contemplando uma pesquisa detalhada de organizações localizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro. O fruto da análise do trabalho é uma intersecção entre os movimentos negro e feminista e é também o espaço de tensão acerca das especificidades das mulheres negras provenientes da urgência das demandas étnico-racial e de gênero⁴. Sendo assim, compreende-se a importância dessa análise por traçar aspectos da posição político-social que as mulheres negras acabam, de certa maneira, assumindo no país.

⁴ MOREIRA, Núbia Regina. O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNICAMP

Nas décadas de 80 e 90, as mulheres negras já estavam reunidas e mobilizadas em vários eventos, seminários, elaborando estratégias que possibilitaram ressignificar suas vivências marcadas pelo racismo e classismo. Estas múltiplas vozes puderam ser ouvidas e manifestadas na Marcha das Mulheres Negras - contra a violência e pelo bem-viver, realizada em 2014. Neste evento simbólico, foi elaborado um documento, uma carta com reivindicações. A cientista social Nubia Regina Moreira durante uma live sobre Feminismo Negro, em que palestrou junto com a socióloga americana Patricia Hill Collins (2019) rememorou algumas dessas demandas.

2.2 Falando numa boa: a trajetória de Vera Daisy Barcellos

Como consequência de uma estrutura de sociedade concebida pós-abolição, juntamente com o racismo inserido no inconsciente coletivo, a história e a cultura dos negros brasileiros não possui muito espaço de valorização nos veículos de comunicação tradicionais. Por isso, assumir a responsabilidade de elaborar novas interpretações no campo da comunicação trata-se de um grande desafio. Ainda mais quando na interação estão presentes os signos representativos e os dispositivos do afeto. Sodré (2006, p. 12) aborda que:

A informação, a comunicação, a imagem, com todas as suas tecnologias - uma forma de conhecimento sem os requisitos hierárquicos imprescindíveis à formação e à circulação dos saberes clássicos - têm-se progressivamente imposto aos sujeitos da teoria e da prática como o pretexto para se cogitar de um outro modo de inteligibilidade do social. Por quê? Porque a afetação radical da experiência pela tecnologia faz-nos viver plenamente além da era em que prevalecia o pensamento conceitual, dedutivo e sequencial, sem que ainda tenhamos conseguido elaborar uma práxis (conceito e prática) coerente com esse espírito do tempo marcado pela imagem e pelo sensível, em que emergem novas configurações humanas da força produtiva e novas possibilidades de organização dos meios de produção.

De imagens idealizadas a linguagens, o modelo de colonização segue persistente mesmo após a abolição da escravatura, em 1888. Um provável desafio da geração que assumiu o protagonismo para elaborar uma narrativa de libertação dos regimes vigentes se relaciona com a necessidade em avançar diante de um

grande obstáculo e reconstruir uma identidade negra. O sociólogo Stuart Hall, na obra *Da diáspora: identidade e mediações culturais* (2003) ilustra essa questão em relação à diáspora, no Caribe, indicando uma questão conceitual, epistemológica e empírica:

(...) o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que "a identidade cultural" carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos "pensar" as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? (HALL, 2003, p.28)

Este senso de coletivo também recebe uma concepção de tribo, diáspora e pátria. Hall (2003, p.29) complementa:

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história.

Comprometida com a conquista de novos direitos, principalmente das mulheres negras em novos espaços de poder e de produção de conhecimento, Vera Daisy Barcellos estava, na década de 70 iniciando caminhada no Sul do Brasil,. Importante comunicadora, negra e gaúcha, é diplomada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na classe dos graduados de 1971. Neste ano, a única mulher negra da turma conquistava então seu "passaporte", uma analogia a uma carta de alforria. "Depois disso, ninguém mais me segurou. Eu estava liberta" ⁵, comenta Vera Daisy. A primeira mulher negra eleita presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SINDJORS) nasceu em 7 de outubro de 1942 e completou 50 anos de atuação no campo da comunicação. Sua atuação perpassa o campo da militância do movimento negro, em organizações de mulheres negras e com grande representação na imprensa gaúcha.

⁵ PODCAST: BNcast 01 Vera Daisy Barcellos (2020)

Sua mãe trabalhava como empregada doméstica na casa do General Floriano Oliveira Faria, ex-comandante do atual Colégio Militar de Porto Alegre. Pensando em oferecer um futuro melhor para os filhos, decidiu abandonar a vida doméstica e trabalhar na cozinha de um restaurante no centro de Porto Alegre. “Eu tenho uma mãe que é empregada doméstica, lavadeira, doceira, passadeira, chamada Eva Barcellos. A minha história é bem interessante. Ela começa e vai evoluindo dentro da casa de uma família branca, onde minha mãe trabalhava”, contou a jornalista em entrevista ao site Observatório Racial do Futebol⁶.

O componente da discussão racial passa a fazer parte do repertório da agora jornalista de forma mais contundente quando começa a participar do Grupo Palmares - responsável por instituir o 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Em 2021, 50 anos terão se passado desde a histórica primeira celebração brasileira do dia 20 de Novembro – Dia da Consciência Negra. Em 1971, o pioneiro Grupo Palmares de Porto Alegre fez um ato evocativo à resistência negra na noite do dia 20/11 no Clube Social Negro “Marcílio Dias” na capital gaúcha. O evento valorizava o herói negro Zumbi, líder do estado negro Quilombo dos Palmares. Era um contraponto ao 13 de maio de 1888, dia no qual a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que abolia a escravidão mas não garantia direitos humanos a população negra brasileira.⁷

Conquistas simbólicas também marcam sua trajetória, a exemplo da *revista Tição* (1976-1982), que circulava em Porto Alegre e pelo mundo em uma época atípica. O projeto pioneiro na imprensa gaúcha deu voz aos temas sensíveis para a população afro-brasileira e "baseava-se na busca do conhecimento e saberes de uma história que não era contada e exposta"⁸. A publicação, referência do jornalismo negro gaúcho, é fruto do anseio de três jornalistas negros em ter um veículo de comunicação próprio que conseguisse transmitir as angústias e questionamentos da raça negra no Estado. Trouxe o desejo de mudança em uma

⁶ Reportagem: Vera Daisy Barcellos é pioneira no jornalismo esportivo gaúcho. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/vera-daisy-barcellos-e-pioneira-no-jornalismo-esportivo-gaucha/>. Acesso em: 10 jul.2021

⁷ Site: Oliveira Silveira - 20 de novembro Disponível em: <https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/20-de-novembro/>. Acesso em: 12 jul.2021

⁸ PODCAST: BNcast 01 Vera Daisy Barcellos (2020)

sociedade discriminatória, o que ainda permanece (ATHAÍDE; LOPES; SILVEIRA, 2013).

Jornalista-responsável pela publicação, Vera Daisy Barcellos relatou em entrevista que "Ao mesmo tempo em que estávamos na universidade, aprendendo novos saberes, estávamos perdendo companheiros para ditadura"⁹. Em meio a proliferação de produções político-sociais, a equipe recebia diversas cartas endereçadas da América do Norte, Europa, América Central e América Latina parabenizando a iniciativa. Também relembra que, na época, o grupo de jovens blackpowers que lideravam a iniciativa, era influenciado por uma efervescência do movimento "Black is Beautiful"¹⁰, dos Estados Unidos, e de poetas, escritores, artistas e pensadores africanos.

Ao revisitar a história da imprensa negra brasileira, a fim de buscar elementos para contextualizar a época em que a Revista *Tição* nascia, no Rio Grande do Sul, a obra "*Imprensa negra no Brasil do século XIX*" (2010), de Ana Flávia Magalhães Pinto, registra os principais veículos de imprensa negra (jornais e periódicos) localizados no século XX. Pinto (2010) observa o quanto este campo também figurou como uma possibilidade de sobrevivência das populações negras. Em 1982, Porto Alegre recebia a primeira publicação jornalística elaborada por pessoas negras, o jornal "O Exemplo". Disposto a informar e discutir questões relacionadas à população negra, assim como um espaço de combate às discriminações raciais cotidianas, o periódico expôs em artigo de abertura:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo grão de estudo a que o sujeitamos e, por consequência, que também nós podemos alistar nas cruzadas empreendidas pela inteligência, muito embora algum estulto nos queira acoimar, ou seja, porque desconheça as nossas legítimas aspirações, ou seja porque, faça parte dos doutrinários que julgam o homem pela cor da epiderme (PINTO, 2010, p.139-140)

Compreendendo que no contexto pós-colonial estratégias de sobrevivência foram articuladas contra as violências que as populações da diáspora negra e

⁹ PODCAST: BNcast 01 Vera Daisy Barcellos (2020)

¹⁰ O movimento começou nos Estados Unidos no início dos anos 1960 e mudou as atitudes convencionais em relação ao corpo, à moda e à estética pessoal, dando ao povo afro-americano um novo sentimento de orgulho de ser - e ser chamado - de "negro". (CORNEJO PARRIEGO, 2017)

indígena das Américas sofreram pela colonialidade do poder, é possível analisar algumas experiências. Na possibilidade de novas oportunidades de sobrevivência, em um contexto após 1888 (ano que demarca o fim do sistema escravista), é pertinente pontuar que muitos grupos e indivíduos organizaram formas de resistência contra a discriminação racial país. De acordo com Pinto (2010), alguns estudos apontam os jornais negros paulistas da década de 1910; ações da Frente Negra Brasileira em meados de 1930; o Teatro Experimental do Negro e as iniciativas do Movimento Negro Unificado, fundado em 1978.

A historiografia auxilia na compreensão destes fenômenos localizados no século XX, porém outras conexões entre momentos e grupos negros merecem legitimidade, além das formas de resistência de africanos e descendentes submetidos ao regime escravista, na condição de cativos. O período de setembro de 1833 a agosto de 1899 compreende oito títulos: *O Homem de Cor ou O Mulato, Brasileiro Pardo, O Cabrito e O Lafuente*, do Rio de Janeiro (RJ), em 1833; *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, de Recife (PE), em 1876; *A Pátria - Órgão dos Homens de Cor*, de São Paulo (SP), em 1889; *O Exemplo*, de Porto Alegre (RS), de 1892; e *O Progresso - Órgão dos Homens de Cor*, também de São Paulo (SP), em 1899.

Ainda de acordo com esse panorama, Ana Flávia Pinto (2010) destaca detalhes curiosos: os textos em *O Homem de Cor*, datados de 1833, “traziam denúncias de discriminação de ordem racial, escritos por homens livres mulatos, pardos - negros, portanto.” Os impressos possuíam uma vasta argumentação, sendo que o primeiro periódico abolicionista de Pernambuco, *O Homem*, apresentava:

Nível técnico bem mais avançado que o disponível nos pasquins fluminenses, o periódico conseguiu também articular um sofisticado repertório intelectual a fim de desbancar as teorias raciais que postulavam a superioridade das raças ‘sem cor’ e a inferioridade das raças “de cor”. Ao lado da defesa e do fortalecimento dos ‘pretos e pardos’, categorias empregadas no próprio jornal, reconhecia-se a importância dos povos indígenas como parceiros na luta contra o “preconceito de cor” no Brasil. (PINTO, 2010, p.21)

Uma das características destes empreendimentos é que simbolizavam uma ação de sobrevivência. Assim como o primeiro título da imprensa gaúcha, “*O Exemplo*”, (1892-1895) anunciava que “serviria como espaço para a denúncia e

combate cotidiano de discriminações raciais" (PINTO, 2010), a mesma vontade política era anunciada pelos jovens formadores da Revista *Tição*, pois as primeiras manchetes traziam "O racismo diz presente na escola" e "A mulher negra cansou da cozinha".

Pontua-se aqui uma fase de intensa articulação nacional, protestos, reivindicações, agitação política, artística e cultural, nos meados de 1970. Uma linha do tempo sobre o Movimento Negro no Brasil¹¹, registra que exatamente neste mesmo ano de lançamento da revista *Tição* (1976), em que Lélia Gonzalez organiza o primeiro Curso de cultura negra no Brasil, na Escola de Artes Visuais- RJ. Estas duas referências podem indicar o quanto Lélia e Vera Daisy desenvolveram dinâmicas articuladas em seus campos de atuação.

Em um contexto histórico, a relevância destes processos é que ocorrem no mesmo período marcado pela Ditadura Militar no Brasil. Entre as décadas de 70 e 80, o regime autoritário atingia uma fase de vigilância ainda mais repressiva. "Ao mesmo tempo em que estávamos na universidade, aprendendo novos saberes, estávamos perdendo companheiros para ditadura"¹².

Torna-se necessário ressaltar que a trajetória profissional de Vera Daisy é marcada pela dedicação ao jornalismo e pela luta antirracista. Mesmo em espaços em que assumiu narrativas solitárias, uma das pioneiras na cobertura de esportes amadores e olímpicos do Estado¹³ e foi a primeira mulher negra eleita ao cargo de presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul (triênio 2019-2022), um dos mais antigos sindicatos de Jornalismo do Brasil. Neste também demonstrou o comprometimento com uma agenda política e social, como declarou em reportagem sobre a sua posse:

O fato de eu ser uma das primeiras mulheres negras a assumir uma entidade da expressão como é o nosso Sindicato significa um grande senso de responsabilidade. Vamos precisar de muita firmeza no enfrentamento a este momento que o país está passando, em que a classe trabalhadora é penalizada com as mudanças que estão sendo feitas", disse a presidenta,

¹¹ Site: Oliveira Silveira - 20 de novembro Disponível em: <https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/20-de-novembro/>. Acesso em: 12 jul.2021

¹² PODCAST: BNcast 01 Vera Daisy Barcellos (2020)

¹³ Reportagem: Vera Daisy Barcellos é pioneira no jornalismo esportivo gaúcho. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/vera-daisy-barcellos-e-pioneira-no-jornalismo-esportivo-gauch-o/>. Acesso em: 10 jul.2021

referindo-se à reforma da Previdência e medidas provisórias do governo Bolsonaro que atacam as finanças e sobrevivência dos sindicatos.¹⁴

Uma série de circunstâncias incomuns para época permitiram que pudesse estudar, obter mais consciência da necessidade de lutar por igualdade social e racial.

Ficava em uma avenida, sob os cuidados do meu irmão, 7 anos mais velho. Aos três anos, eu tenho a lembrança de que eu saía da Avenida, passava pela Travessa dos Venezianos e ia para Casa Grande e ali eu fui ficando. A permanência deste casal na Lopo Gonçalves, eles se mudam para essa rua onde hoje eu moro e sempre morei. Rua Santa Terezinha, 317; Casa de propriedade deles, nunca alugada, e minha mãe segue acompanhando, me carregando diariamente. Não ficava aos cuidados do meu irmão. Quando terminava, eu voltava pra casa.

Em determinado tempo, a mudança de casa foi necessária, impactando em uma nova experiência de um local social para uma criança de quatro anos de idade.

Minha madrinha contava que ela recebeu um convite para trabalhar no centro de Porto Alegre e que ela não iria mais trabalhar como doméstica. “Conta lenda” - minha madrinha- que disseram pra minha mãe que eu podia ficar lá. Eu tinha em torno de quatro/cinco anos. ‘Deixa a menina, fica pra nós cuidarmos dela’. Não seria adotada, não tenho sobrenome da família e nem nada e a “Daisy foi crescendo”.

As mudanças foram acontecendo e, não de maneira formalizada, mas Vera Daisy passa a ser adotada pela família de classe alta, de um general da época.

Eu não lembro da minha infância e nada de mais tratos, eu fiquei aos cuidados daquela que cuidou dos cinco meninos, a Nair, minha madrinha de batismos e meu padrinho é um dos meninos da casa. Álcio era um adolescente. Os dois mais moços, o Adyr - ele era padrinho do meu irmão. Os outros três já eram adultos. As atenções estavam no casal e nos rapazes. Quando estou com 8 anos ainda não tinha ido para nenhuma escola. Não sabia ler nem escrever. Era normal as crianças da época ajudarem nas tarefas de casa. Ajudava minha madrinha, varria, secava a louça; Quando minha mãe saiu, eles contrataram outras empregadas, mas minha madrinha continuava. Na fase adulta eu percebo que fiquei lá para ser a futura substituta de Maria. Era isso que estava traçado pra mim!

Durante a maioridade, quando completa 18 anos, uma mudança significativa acontece e muda o rumo de sua vida:

O Adyr já estava na faculdade, fazia Farmácia e dizia que eu precisava estudar. Os pais que viam na menina negra um potencial de mão-de-obra que poderia substituir Maria, não estavam ligando. Estava com 8 anos, não tinha

¹⁴ Reportagem: Vera Daisy eleita nova presidenta do Sindjors. Disponível em: <https://www.jornalistas-rs.org.br/detalhes-noticia/?txtIdNoticia=3170>. Acesso em: 10 jul.2021

sido alfabetizada. Não sabia ler nem escrever! E lembro bem da minha mãe de criação dizendo que eu não precisava, ele compra uma briga. Tinha na rua uma jovem negra que também foi criada por uma família branca - na época a profissão era fazer Normal e se tornar professora - e nessa família da mesma rua essa menina já era professora, a Teresinha, O Adyr comprou briga com os pais e comecei a estudar

A escolha do curso de jornalismo gerou atritos, porém a jovem estava bem decidida:

Em 1969 eu entro para a universidade, um curso de três anos. Saio em 71 e a compra de ser/ escolher essa profissão vai ser algo de muita briga dentro da família. Meus pais de criação não admitiam que eu fizesse jornalismo. A figura do Adyr Cancellato Faria, médico pediatra e muito reconhecido, vai ser a mola mestra da minha carreira e de eu ser o que eu sou. Comprou muitas brigas com a família e quando eu optei por ser jornalista. Em 68, patriarcalismo, tinha que ser muito obediente, era muito forte o poder masculino. Meu pai de criação dizia que jornalismo não era profissão para mulher e eu dizia que eu queria ser!

Desde este momento, estava visível o espírito inovador e pioneira, mas ainda limitado a uma época de muitas restrições.

Sem saber que eu estava me manifestando com essa rebeldia, eu lia muito. Eu lia muito, porque a casa tinha uma biblioteca e hoje sei porque durmo tão pouco, apenas quatro horas. Quando todo mundo ia dormir eu descia e ficava lendo livros nessa biblioteca que era do meu pai de criação. Muitas revistas, jornais, Diário de Notícias, Correio do Povo, Grande Hotel (fotonovelas). A casa dormia e eu lia!

O passaporte da independência chegou em um momento significativo.

A briga que deu! Adyr sempre foi meu defensor...e ao longo do tempo, meu professor. Ele chegava em casa e me dava aulas. Eu nunca rodei. Eu tive uma boa colocação na prova específica graças às minhas amigas do ginásio (era apenas eu e mais duas negras) as amigas brancas vinham à minha casa me dar aulas do que aprendiam nos cursinhos – que recém estavam começando).

Com a ótima colocação nas provas específicas, Vera Daisy ganhou reconhecimento da família, e em seguida, algo mudou seu percurso. As oportunidades, acesso e uma rede de apoio.

Sou diplomada em dezembro de 1970. Começo a trabalhar no Jornal do Comércio e daí ninguém segura mais a Vera Daisy! Mesmo estudando eu continuava fazendo todas as tarefas domésticas. Ainda tenho marcas nos joelhos. Lembro que quando começava a faxina do final do ano, tinha que tirar a cera dos parquês tinha um ritual de que só você só poderia colocar a

palha de ação em um lado. Eu estudava e fazia todas as tarefas para ajudar minha madrinha, que foi cria da casa desde os 7 anos.

Em paralelo às coberturas e contribuições, Vera Daisy Barcellos é autora do livro *Lanceiros Negros na Guerra dos Farrapos (1835–1845)* e co-autora das publicações *Negro em Preto e Branco — História Fotográfica da População Negra em Porto Alegre e Colonos & Quilombolas — Memória Fotográfica das Colônias Africanas de Porto Alegre*.

Desde final do século XIX ocorrem reflexões de combate ao racismo pensadas por intelectuais negros no Brasil: Abdias do Nascimento, Guerreiros Ramos, Beatriz Nascimento, e a exemplo de outros nomes, internacionais que somam a essa temática e deveriam ser mais visibilizados na academia; Frantz Fanon e W.E.B. Du Bois. Este último pioneiro do movimento Harlem Renaissance (1920) potencializou o surgimento de uma série de artistas, pensadores e escritores, permitindo aos afro-americanos se repensarem como uma comunidade e, principalmente, construírem um discurso a respeito de si mesmos (BARRETO, 2010).

Em virtude de ocuparem um novo espaço, que ainda não estava descrito nas relações sociais que acabam por designar relações de poder, evidencia-se o surgimento de uma nova dinâmica, amparada por novas práticas e representações dos agentes. Ainda diante destas características, também se compreende, segundo Carneiro (2017), a estrutura de classes no Brasil: “O conflito racial não dá para nublar, ele permanece aqui hoje, estruturando a sociedade brasileira, organizando a própria estrutura de classes. Porque no topo da pirâmide temos uma hegemonia absolutamente branca e nas bases uma maioria absolutamente negra.”

Ao compreender a história como uma maneira de resistência, identifica-se nessas trajetórias um senso de coletivo, priorizando a libertação dos regimes de relações de poder, ainda herdados da colonialidade. O principal desafio: Como reconstruir uma identidade negra, se reencontrar e escrever sua própria história? É possível uma prática do empoderamento em contraponto ao formato negativo com que as comunidades negras costumam ser retratadas? Isso reflete, inclusive, na autoimagem dos grupos.

Os efeitos das imagens negativas do negro são traçados em como eles operam em grandes instituições sociais, como a família, grupos de pares e escolas. Esses efeitos estão ligados ao surgimento de problemas pessoais e sociais característicos encontrados em comunidades negras. Seguindo uma discussão anterior, o empoderamento é definido como um processo pelo qual a autodireção e o processo de ajuda são as forças de cura e fortalecimento entre a população negra. (SOLOMON,1976 apud BERTH, 2019, p.27)

Propondo uma dinâmica que contemple a diáspora africana e atrelada com a construção de novas narrativas, os pensamentos da autora Lélia Gonzalez em “A categoria político-cultural da amefricanidade” (1988) contribuem para essa discussão. A formulação da categoria cultural e política de amefricanidade surge a partir da premissa de reconhecimento das diferentes experiências diaspóricas ocorridas do continente africano ao americano no período histórico do processo de escravização. Lélia realiza uma contribuição potente que evidencia a relevância de um elo agregador e fortalecedor das dinâmicas culturais e políticas das comunidades negras frente às diferentes formas de opressão racistas existentes.

A partir de observações étnicas, religiosas, econômicas e políticas dos continentes americano e africano foram base para suas críticas ao colonialismo e suas diferentes expressões ao longo da diáspora americana. O colonialismo enquanto um padrão ocidentalizado e branco nunca foi recebido com subserviência pelas populações negras. Segundo ela, "a dureza dos sistemas [nos Estados Unidos] fez com que a comunidade negra se unisse a lutasse, em diferentes níveis, contra todas as formas de opressão racista. Nesse sentido, Lélia afirma a existência de várias contribuições nos níveis científicos, filosóficos, artísticos, filosóficos e religiosos dadas por pessoas negras que existiram e, ao mesmo tempo, foram invisibilizados e marginalizados pela supremacia branca.

Tão densa e orientadora quanto a própria expressão de amefricanidade, que nos traz do atlântico até a materialidade do cotidiano no continente americano, “a força do cultural apresenta-se como a melhor forma de resistência” (1988), assim reflete Lélia. De igual maneira, o poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras, Abdias do Nascimento, no artigo “Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões”(2004) relata a experiência de négritude do Teatro

Experimental do Negro (TEN). O grupo, que surgiu em 1944, fundia elementos baseados na cultura afro-brasileira e na valorização social do negro na educação e arte. O projeto inaugurou um novo modelo de dramaturgia, que findou a ausência de pessoas negras nas representações teatrais.

A négritude proporcionara ao movimento de libertação dos países africanos grande impulso histórico e fonte de inspiração. Ao mesmo tempo, influenciou profundamente a busca de caminhos de libertação dos povos de origem africana em todas as Américas, prisioneiros de um racismo cruel de múltiplas dimensões. No Brasil, enfrentando o tabu da “democracia racial”, o Teatro Experimental do Negro era a única voz a encampar consistentemente a linguagem e a postura política da négritude, no sentido de priorizar a valorização da personalidade e cultura específicas ao negro como caminho de combate ao racismo. (NASCIMENTO, 2004, p.218)

Seguindo essa linha de análise sobre preservação da cultura e considerando as múltiplas facetas culturais e históricas atribuídas aos negros no Brasil, uma contribuição importante partiu do olhar de Neusa de Souza Santos, na obra *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), que sublinha a relação entre a identidades e o discurso político racial. Para a autora, trata-se também de um direito negado à espontaneidade de simplesmente ser, pois "Para firmar-se ou para negar-se, o negro toma o branco como marco referencial".

Há estar sempre em guarda. Defendido. 'Se impor' é colocar-se de modo a evitar ser atacado, violentado, discriminado. É fazer-se perceber como detentor dos valores de pessoa, digno de respeito, portanto. Vivendo no mundo dos brancos, nos diz Fanon: finalidad de su acción, entonces, será Otro (en forma de de blanco), porque sólo Otro puede valorizalo" (SANTOS, 1983, p.37)

A população negra escravizada chegou ao Brasil de uma maneira violenta e incluída, em grupos, em um sistema de dominação colonial. Neste ponto, para Diego dos Santos dos Reis (2020, p,778), as narrativas ancestrais perpetuam a dinâmica de uma memória em trânsito para alinhar resistências históricas, experiências e o saber que conecta passado, presente e futuro:

Os rastros intertextuais, interculturais e intermédias apontam para diferentes camadas do arquivo vivo dessa “memória do mundo”, cujo suporte é, sobretudo, o corpo enquanto lugar de experiência e território de contato entre presente, passado e futuro. Ele constitui-se, ainda, como elemento da comunicação comunitária, dos laços de solidariedade, das redes, das associações e dos movimentos capazes de (de)codificar toda uma trama de sinais, de símbolos e de imagens que torna(ra)m possíveis a sobrevivência das tradições ancestrais e a rememoração em face da necropolítica da memória, que objetiva e justifica a aniquilação radical do ser negro.

No contexto pós-colonial, estratégias de sobrevivência foram articuladas contra as violências que as populações da diáspora negra e indígena das Américas sofreram pela colonialidade do poder. Estes mecanismos enfatizavam a visibilidade da história desses grupos e pensar ‘desde dentro’ as culturas indígenas e africanas, distanciando das interpretações centradas na visão de mundo do pensamento moderno europeu. (CARDOSO, 2014).

A despeito de uma observação contemporânea que repense imagem, relações de poder e visibilidade, bell Hooks (2019, p.29) traz uma reflexão sobre a potência dos olhares negros e a produção de discursos.

A cultura negra de resistência que surgiu no contexto do apartheid e da segregação foi um dos poucos lugares que abriu espaço para o tipo de descolonização que torna possível o amor pela negritude. A integração racial, em um contexto social em que os sistemas da supremacia branca estão intactos, solapa os espaços marginais de resistência ao divulgar a premissa de que a igualdade social pode ser obtida sem mudanças de atitude culturais em relação à negritude e às pessoas. Negros progressistas sofreram grandes decepções com brancos progressistas quando nossas experiências de trabalhar conjuntamente revelaram que eles poderiam querer estar conosco (e até ser nossos parceiros sexuais) sem enfraquecer as ideias da supremacia branca em relação à negritude.

Percebe-se a necessidade de um avanço para compreender a formação da identidade negra em uma dimensão política que, inclusive, contribui culturalmente na história do Brasil.

Para alguns autores intelectuais decoloniais, a modernidade não pode ser entendida sem um olhar ao período colonial e tendo em vista esta perspectiva, Luiz Fernandes de Oliveira, no artigo *O que é uma educação decolonial?* (2004) define que as principais categorias de análise destes pesquisadores se constituem nos conceitos e noções sobre o mito de fundação da modernidade, a colonialidade, o racismo epistêmico, a diferença colonial, a transmodernidade, a interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. O autor ainda explana o significado do termo:

Decolonizar, significaria, então, no campo da educação, uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto não somente denunciativa – por isso o termo “DE” e não “DES” – onde o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas e culturais e de pensamento. Em outros termos, a construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, uma pedagogia concebida como política cultural, envolvendo não apenas os espaços educativos formais, mas também as

organizações dos movimentos sociais. DEcolonizar na educação é construir outras pedagogias além da hegemônica. DEScolonizar é apenas denunciar as amarras coloniais e não constituir outras formas de pensar e produzir conhecimento (DE OLIVEIRA, 2004, p.4).

A reflexão sobre a continuidade de um legado (que herdamos de Lélia) e de tempo presente (que segue pavimentado pela atuação de Vera Daisy) levam a uma indagação sobre seus status de *outsider within* (COLLINS, 2016) As posições sociais que ocuparam se referem ao pensamento feminista negro como: 1.a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras; 2. a natureza interligada da opressão; e 3. a importância da cultura e modos de viver das mulheres afro-americanas.

3 CAPÍTULO ANALÍTICO

Muitas análises cruzam-se em um aspecto complexo à proposta de investigação com esta pesquisa. Ao relatar sua história, Vera Daisy Barcellos nos situa em períodos históricos, de mudanças culturais e sociais que cruzam nossa sociedade brasileira, em uma ampla dimensão, diga-se a sociedade negra e brasileira.

Ao reconhecer e reverenciar a história de Vera Daisy Barcellos me proponho em uma investigação abrangente à carreira de jornalista e na mídia negra, pela indagação de como sua trajetória pessoal espelha características da maneira com que o país foi colonizado, além das populações envolvidas neste processo.

Assim como destacam Ratts e Rios (2010, pág.13) ao escreverem a biografia de Lélia Gonzalez, destacam que material tem o intuito de não apenas resgatar as conquistas de uma pessoa negra, mas algo para além dessa perspectiva:

É bem mais que isso, pois essa intelectual ativista faz parte de um esforço coletivo de legitimação intelectual protagonizado pelo movimento negro e feminista no processo de redemocratização do Brasil. Estamos cientes, no entanto, de que contar a história de uma pessoa negra, especificamente de uma mulher, nos coloca na delicada posição de, tomando emprestadas as palavras de Jorge Luis Borges, "avaliar o perímetro dos vazios e das lacunas".

A entrevista ocorreu em formato online, com duração de mais de três horas:



Ao ser uma aliada com o dom de falar, pela profissão de jornalista que escolheu, e de comunicar, uma das consequências dessa atividade profissional, Verda Daisy utilizou além das palavras pelo fim do silenciamento. Com auxílio das contribuições de Grada Kilomba, na obra "Memórias da Plantação", muitas simbologias históricas perpassam um paralelo com o significado de não possuir o direito de se expressar. Por exemplo, a Máscara de Flandres, tão conhecida por cobrir a boca de Anastácia.

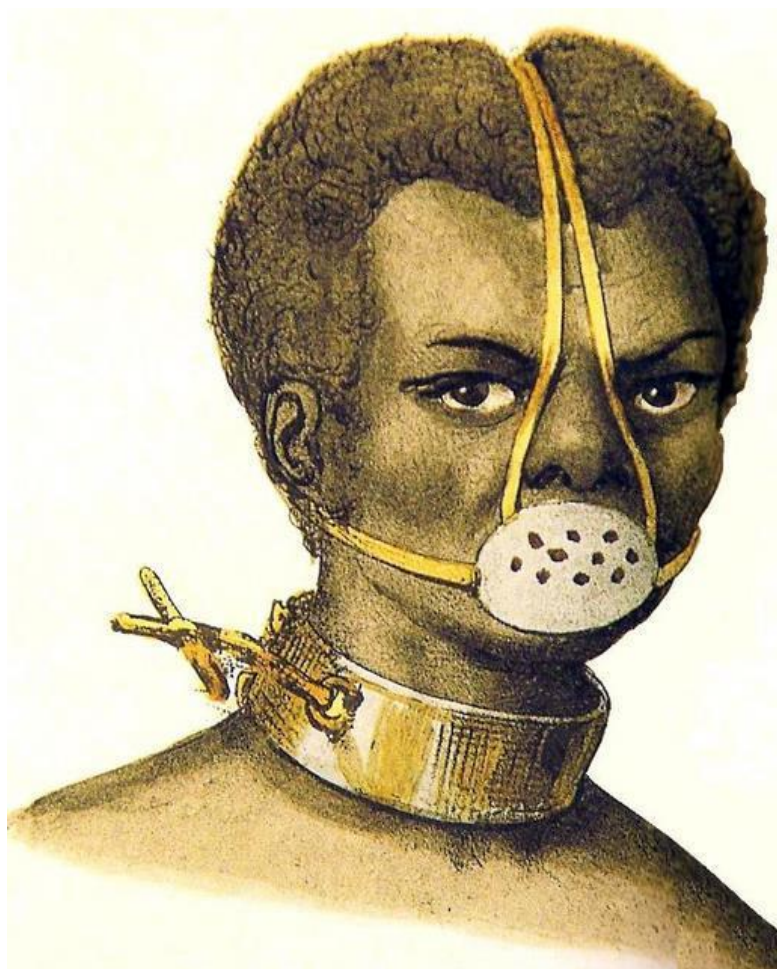


Imagem de Anástacia, escravizada, com a Máscara de Flandres. um dos castigos aplicados aos escravizados. Retrata a simbologia de uma mulher que não possui o direito de se expressar

Do início ao fim da conversa, os resquícios de um passado colonial estão presentes, o que não consegue ser esquecido. Recorro, novamente, à Kilomba (2016), ao citar “ O passado colonial é memorizado na medida em que não é esquecido. Às vezes é preferível não lembrar, mas não é possível esquecer (p.237)

A referência à "carta de alforria", que estabelece desde o início de proposta de pesquisa, é um símbolo que acompanha, ao analisar com mais profundidade o diálogo, de um significado. Ainda que o racismo cotidiano, a escravização e o colonialismo contêm " o trauma de um episódio de vida intenso e violento, para o qual a cultura não tenha equivalente simbólicos, vale destacar:

O termo trauma tem origem na palavra grega para «<ferida», ou «<ferimento». O conceito refere-se a qualquer dano em que a pele é rompida em consequência de violência externa. Do ponto de vista analítico, o trauma caracteriza-se por um episódio violento na vida do sujeito, episódio esse «<que se define pela sua intensidade, pela incapacidade de o sujeito lhe responder da melhor forma, e pelos efeitos de perturbação e de longa duração na sua organização psíquica>> (Laplanche e Pontalis, 1988: 465 apud KILOMBA, 2016, p.238)

Mesmo diante de situações que poderiam representar um trauma, por conta de episódios da infância - relação com a mãe -, por ter sido "adotada" por família branca - mas mesmo assim continuar, aos cerca de 18 anos, auxiliando nos serviços e atividades domésticas - , Vera Daisy seguiu em frente, afirmando sua identidade e conquistando reconhecimento social. Para Carneiro (2003) é este movimento em forma de resistência, juntamente com o esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social que trazem à tona a contribuição do feminismo negro na luta antirracista.

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se compor uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre; delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil. (CARNEIRO, 2019, p.273)

Em diversos aspectos de sua trajetória, Vera Daisy demonstra uma articulação permanente para avançar em meio às barreiras da exclusão. Por exemplo, ao assinar como editora-responsável da revista *Tição*, editada em Porto Alegre, que circulou de 1978 a 1982. O primeiro exemplar, lançado em 1978, em

Porto Alegre, ilustrava na capa, a seguinte chamada: "A Mulher Negra Cansou de ser Doméstica". O segundo número teve em sua capa a fotografia de um amalá de Xangô.



Revista *Tição*: o primeiro exemplar da *Tição* abordou, pela primeira vez na imprensa da época, a mulher negra relacionada à outra temática

Percebe-se assim, que a escrita de Vera Daisy Barcellos, como entende Kilomba (2016), é um lugar de poder. A autora utiliza essa afirmação ao comparar a utilização de sua escrita pelos acadêmicos brancos. Ao situar Vera Daisy também como escritora negra e com avanço em agendas de interesse das mulheres negras, reforço à seguinte concepção:

A minha escrita pode estar imbuída de emoção e subjetividade, uma vez que, ao contrário do saber tradicional, as/os acadêmicas/os negras/os se nomeiam, nomeiam o lugar de onde escrevem, criando um novo curso com uma nova linguagem. Eu, como mulher, escrevo com palavras que descrevem a minha realidade, e não com palavras que descrevem a realidade de acadêmicas/os brancas/os, pois escrevemos de diferentes lugares Não escrevo do centro, escrevo da periferia. Este é também o lugar da minha teoria, pois situo o meu discurso na minha própria realidade. O discurso das/os acadêmicas/os negra los surge muitas vezes como discurso

lírico e teórico que transforma a linguagem do saber clássico. (KILOMBA, 2016, p.59)

Mais ainda, a emergência do falar é recorrente para mudanças significativas em sociedades que foram colonizadas e ainda trazem fragmentos de um período que ainda confunde passado, presente e futuro em dinâmicas que levam à marginalização e exclusão social. Por isso, resistir, é uma tarefa, muitas vezes, de sobrevivência à repressão:

A máscaraq sela a boca do sujeito negro impede que o senhor branes ou as verdades latentes de que se quer «afastar», de que quer <<<manter distância>>, nas margens, despercebidas e «silen ciadas. Protege o sujeito branco, por assim dizer, de reconhecer o conhecimento da/o «Outra/o» (KILOMBA, 2016, p. 41)

A luta implacável por liberdade é uma das características das comunidades que foram escravizadas pela diáspora. Davis (2016) descreve alguns acontecimentos que ocorreram nos Estados Unidos, especialmente na região Sul. Além de propor uma discussão sobre o papel das mulheres negras, que lutaram em condição de igualdade com os homens, um aspecto prevalecia:

Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais. Em Natchez, Louisiana, uma escrava comandava uma "escola noturna", dando aulas a seu povo das onze horas da noite às duas da manhã, de maneira que conseguiu "formar" centenas de pessoas. Sem dúvida, muitas delas escreveram as próprias licenças de viagem e tomaram o rumo da liberdade. (DAVIS, 2016, p.34)

Considerando todo processo histórico das ex-colônias de Portugal, assim com o Brasil, ainda assim é possível imaginar um futuro com novas estratégias. Basta um olhar ao que a trajetória de Vera Daisy Barcellos tem representado até agora. Ela sempre potencializou estratégias práticas para fortalecer sua comunidade, as mulheres negras, e é uma referência à diáspora africana. Ao relatar que o diploma foi um divisor em sua vida, por mais liberdade, ela reescreveu uma mudança estrutural em sua vida, e na vida de outras "Veras", que seguiram o mesmo percurso.

Ao criar um novo discurso e uma nova linguagem, como descrito na capa da revista *Tição*, Vera Daisy também traz um discurso político, pessoal, reconstruindo um novo conhecimento. Ao abordar uma temática específica e pioneira das mulheres negras, com um enfoque que ainda não era explorado na mídia tradicional. Quando se propõe a escrever, também, histórias que recuperam memórias da comunidade negra, no Rio Grande do Sul, um outro reflexo de subjetividade e emoção nomeiam esse discurso que rompe a função teórica, de apenas contribuir pedagogicamente. Este avanço vai além das palavras e de uma escrita:

A construção deste texto foi um grande desafio para mim. Primeiro, porque a temática Revolução Farroupilha tem uma intensa e expressiva coletânea de livros produzida pelos mais renomados professores e historiadores do Rio Grande do Sul, negros e brancos. Segundo, porque eu quis oferecer aos leitores um novo olhar, ou seja o olhar mais atento sobre a participação dos escravos nesse combate e mais especificamente sobre a Batalha do Cerro dos Porongos, ocorrida em novembro de 1844, episódio ainda não bem esclarecido pela historiografia oficial no qual o exército imperial de Dom Pedro II, sob o comando maior do barão de Caxias, massacrou centenas de negros, integrantes dos corpos de lanceiros, previamente desarmados”, acrescenta Vera Daisy, que faz parte da diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul.

Também atrelado a este discurso em que relata sua própria realidade, ou aproxima-se dela, como uma sujeito ainda pouco explorado nos meios de comunicação, a contribuição efetiva de Vera Daisy no campo jornalístico pode representar o que que Kilomba (2016) pontua a respeito da descolonização do saber.

Ao apontar um conhecimento alternativo, e de uma trajetória que não seguiu às regras, um novo horizonte foi possível:

Como escritoras/es e acadêmicas/os negras/os, transformamos as configurações do conhecimento e do poder ao mesmo tempo que nos movemos entre fronteiras opressivas, entre a margem e o centro. Esta transformação reflecte- -se nos nossos discursos. Defende bell hooks que, quando produzimos conhecimento, os nossos discursos não incorporam apenas palavras de luta, mas também de dor - a dor da opressão. E, quando escutamos os nossos discursos, também se escuta a dor e a emoção contidas na sua precariedade: a precariedade, segundo hooks, de ainda sermos excluídas/os dos lugares a que acabámos de «chegar», mas onde dificilmente podemos <<ficar>> (KILOMBA, p.59)

Para encerrar, em suas memórias, Vera Daisy lembra o seu passado e continua reconstruindo um futuro. O impacto é além do que é dito nas produções literárias, conversas e mediações. Ainda assim, ela permite um diálogo com o conceito de “comunidades imaginadas”, de Benedict Anderson, pois foi possível reconstruir suas memórias em uma dimensão social, no qual as pessoas da comunidade se relacionam. Anderson, em *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* (2008):

“Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.”

Assim, Vera Daisy Barcellos demonstra por que é uma referência para jornalistas, mulheres, jovens ativistas ou à experiente militância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, as mulheres negras tiveram que defender-se por si mesmas. Outro conceito para entender a realidade da mulher negra no Brasil é a ideologia da feminização do poder. Esta expressão tem sido implementada pelas mulheres nas favelas nos últimos anos. A maioria delas são negras e lutam por melhores condições em um sistema complexo de desigualdades. Elas sofrem as consequências da tez de inferioridade resultante da colonialidade até o período da modernidade (Nunes e Veillette 2022). Para ilustrar que, em 2015, ativistas do Movimento de Mulheres Negras no Brasil e uma série de organizações sociais marcharam pela capital do país, Brasília, celebrando a primeira Marcha Nacional de Mulheres Negras contra o racismo e a violência e pelo bem-estar. Exigiram as políticas governamentais que promovem a igualdade racial e de gênero e a visibilidade dos desafios enfrentados pelas mulheres afro-brasileiras e que estas questões sejam reconhecidas pelo governo através de políticas que promovam a igualdade racial e de gênero. Recursos vitais para a sobrevivência têm sido perseguidos por ativistas sociais de mulheres negras no Brasil há muito tempo. Embora as atuais manifestações tenham sido vistas como contemporâneas, elas são contra a disparidade de raça e gênero e por condições fundamentais de vida das comunidades negras nos espaços urbanos (Perry, 2016).

Quais são os desafios atuais? O processo de colonização não foi uma dificuldade temporária durante a história da sociedade brasileira. Segundo Reis (2022), Lélia Gonzalez apóia este entendimento porque foi uma das pensadoras que trouxe uma nova abordagem da lógica colonial. A linha hierárquica reproduz as idéias do eurocentrismo e do neocolonialismo. Apesar de compor a maioria da população brasileira, as mulheres afro-brasileiras estão enfrentando impedimentos relevantes ao longo da história. Para esclarecer, existem obstáculos explícitos que permanecem, como as desigualdades sociais em relação à raça e ao gênero. A presença de mulheres negras em posições no mercado de trabalho vem revelando a reprodução das relações sócio-econômicas. Os principais empregos envolvem o trabalho doméstico, como cozinhar, limpar e cuidar de crianças. A força de trabalho criou barreiras sociais entre a participação das mulheres negras e brancas no mercado de trabalho. Além disso, Reis (2022) postula que Gonzalez inclui a perspectiva racial na compreensão do feminismo na América Latina, que é composta pela diversidade. Sem este ângulo de variedade cultural na sociedade, as

disparidades no mercado de trabalho são notáveis. Por exemplo, as mulheres negras ganham um salário mais baixo no mesmo posto de trabalho que as mulheres brancas. Além disso, é possível identificar um movimento mundial contra a desigualdade e o racismo. Após o assassinato de George Floyd, que representou um momento crucial, as empresas começaram a introduzir ações afirmativas às pessoas que são invisíveis na estrutura social. Entretanto, os requisitos mais elevados para atender uma posição podem parecer contra intuitivos. Por exemplo, um nível avançado de inglês, curso de pós-graduação concluído ou intercâmbio no exterior não são experiências da maioria dos negros no Brasil. Finalmente, como as mulheres negras continuam sub-representadas no ambiente de trabalho, uma solução para fazer parte do ambiente econômico é ser proprietária. Há um número crescente de líderes que decidiram implementar seu próprio caminho. Em uma direção pioneira, elas vêm abrindo um novo horizonte para as próximas gerações.

As idéias de colonialidade são parte inerente das sociedades pós-coloniais. Bonilla (2020) apela para a descolonização nas sociedades que foram colonizadas. A autora afirma que elas são portadoras de reivindicações semelhantes. Entretanto, muitas formas de resolver os efeitos da colonialidade estão alimentando o mesmo formato de desproporção que ocorre nas regiões caribenhas. Em geral, a experiência da mulher negra no Brasil fornece evidências dos problemas estruturais da sociedade brasileira. Algumas idéias são responsáveis pela reprodução das desigualdades sociais no Brasil. A partir de agora, o país poderia ter uma oportunidade de liderar um movimento ainda a ser explorado. Estas discussões requerem uma dimensão política, social, histórica e cultural.

Considerando as múltiplas facetas culturais e históricas atribuídas aos negros no Brasil, muitas vezes buscam, ao longo da história, barrar a propagação do racismo. Sejam intelectuais, ativistas, militantes e personalidades ainda pouco mencionadas, a população afro-brasileira sempre invocou sua voz em movimentos de resistência. É pertinente pontuar que a trajetória desses propagadores lança um novo olhar sobre a história das pessoas negras na sociedade, tantas vezes silenciadas.

Diante do panorama teórico apresentado que acompanha histórias de vida de mulheres negras no Brasil, aliado ao protagonismo e pioneirismo em diversas frentes que Vera Daisy Barcellos liderou, ainda é relativamente simbólico o espaço

em que ela ocupa nos cursos de Comunicação Social ou até mesmo no reconhecimento de sua trajetória profissional. E se ela não fosse uma mulher negra? Haveria mais oportunidades de inserção e reconhecimento? Todas essas indagações ficam mais contundentes ao incluir concepções de intelectuais da diáspora, tais como Lélia Gonzalez (1983), Grada Kilomba (2019) e Sueli Carneiro (2020).

Diante um olhar descolonizado, é possível traçar, atribuir o que interfere no processo de construção das identidades. Por muito tempo, houve essa ausência de debates decoloniais no campo acadêmico, mas existe uma renovação em curso, principalmente no campo da ciência social, que valoriza autores que contribuem com essa temática e permitem pensamentos também ancorados em referenciais teóricos, porém não europeus.

A interlocução com pensadores que contemplam outras narrativas (de mulheres negras, por exemplo) pode estabelecer que a condição de humanidade do outro esteja, de fato, considerada em todos os lugares de vivências, que sempre refletem o que determinadas presenças impactam no campo político e social.

Os dados estatísticos em relação ao acesso da população negra à educação, saúde e mercado de trabalho, por exemplo, são reveladores do lugar que esse grupo de sujeitos ocupam na sociedade. No Brasil, desigualdade social equivale a desigualdade racial. De acordo com os dados disponibilizados pelo IBGE, as pessoas negras representam 55,8% da população brasileira. Mesmo assim, seguem em desvantagem em relação às pessoas brancas sobre frequência escolar, cargos de gerências e salários. Porém, com uma atenção voltada a reconhecer atuações individuais ou coletivas uma indagações que fica é: por que esta lacuna de invisibilidade de uma história? Ao longo de uma análise mais detalhada, essas dúvidas podem ser sanadas.

Ao realizar este apanhado, o importante consiste em perceber que, mesmo diante dos diferentes formatos de violação e silenciamentos, reais ou invisíveis, a população negra brasileira, recria mecanismos para ecoar e registrar suas próprias histórias.

Ao refletir e encontrar com mais detalhes as influências e articulações que constituem a carreira de Vera Daisy Barcellos, conclui-se que essa vivência é um exemplo não apenas para as mulheres negras, mas para todas as mulheres. Assim como define Jeanice Ramos, jornalista e amiga há 50 anos de Vera Daisy: “Ela luta, quebra paradigmas, vai em busca e não se dá por satisfeita. Eu acho ela incansável”¹⁵. Percebe-se aqui a importância de reconhecer a potência de uma referência de vida. Vera Daisy Barcellos tem uma trajetória pautada por experiências pessoais atreladas à continuidade de um movimento que honra a sua ancestralidade, mesmo que marcada por feridas coloniais. Em diversos momentos, em seu pioneirismo, tem honrado e valorizado a história da negritude brasileira. Nesse sentido, a raça é um fator determinante para essa compreensão. Por isso também, conclui-se que ter ancorado este estudo na categoria da interseccionalidade, considerando as mulheres negras são formulações fundamentais para promover a decolonidade do saber.

Outra certeza sobressai dessa análise. A questão racial é o fio condutor das narrativas de resistência que constituem a diáspora negra brasileira. Inegavelmente, quando se pensa a dinâmica das relações sociais em espaços simbólicos nas sociedades que foram colonizadas, a crítica envolve estruturas de poder que, nem sempre com ações visíveis, desencadeiam reações preconceituosas e discriminatórias. Portanto, percebe-se a importância de se entender os efeitos resultantes desta articulação na definição do lugar social dos sujeitos na sociedade.

Com a possibilidade constituir espaços coletivos de argumentação e reflexão, a articulação da negritude brasileira está envolta na circulação de novas ideias, com um debate voltado para os novos discursos de experiências de uma pauta racializada. De igual maneira, estes efeitos aguçaram transformações profundas em modos de viver para determinados grupos de sujeitos - de pessoas negras. Valendo-se dos aportes teóricos de Stuart Hall, Lélia Gonzalez e Ana Flávia Pinto, simbolizam as características do espaço social, aquele que possui uma linguagem e narrativa próprias.

¹⁵ Reportagem: Vera Daisy Barcellos é pioneira no jornalismo esportivo gaúcho. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/vera-daisy-barcellos-e-pioneira-no-jornalismo-esportivo-gaucha/>. Acesso em: 10 jul.2021

Ao propor novas epistemologias e linguagens no mundo acadêmico, Grada Kilomba, reforça que o racismo está conectado com o passado colonial e que este ainda é uma realidade das pessoas negras que vivem este presente, muitas vezes, de forma traumática. Por isso, com os pensamentos desta autora, na obra "Memórias da Plantação", é possível compreender de que forma a descolonização é uma prática seguida por Vera Daisy Barcellos que proporcionou sua liberdade e autonomia. Isso pode ser exemplificado em sua maneira de viver, narrar e também de escrever narrativas que transpassam a hierarquia eurocêntrica de conhecimento.

Ao compreender a história como uma maneira de resistência, identifica-se uma possibilidade de libertação dos processos de escrita que determinam, socialmente, quais informações devem ser registradas. Portanto, quem conta a nossa história? Desde o surgimento dos quilombos (espaços de acolhimento e de afetos entre os escravizados e que ainda são reverenciados nos dias atuais com esse intuito), nas insurreições de escravos e no nascimento da imprensa abolicionista, pessoas negras que desempenham um papel na geração de conteúdos podem trilhar um avanço na construção de um caminho que ressignifique o passado para construção de potenciais futuros.

Nessa tentativa, mostram-se como potência criativa de novos imaginários e realidades que evidenciam a importância de novas representações para pessoas negras. Com isso, podem contribuir para que se rompa a lógica ocidental, contemplando também a construção de um olhar descolonizador.à realidade da diáspora brasileira, na qual pessoas negras são autoras e produtoras de conhecimento, ainda que o reconhecimento de suas conquistas não seja validado nos livros de histórias e integre a lista dos cânones acadêmicos.

Assim, tratam-se de lutas simbólicas no espaço social que reformulam movimentos na sociedade, orientando outras possibilidades em curso. Estas iniciativas, pessoais, assim como nos demonstra a trajetória de Vera Daisy Barcellos compreendem diversos impactos e significados além de apenas um ato com reflexo político, mas revolucionário. São vozes e narrativas que precisam ser ouvidas, e numa boa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ATHAÍDE, Lucilene; LOPES, Renata; SILVEIRA, Thais. Imprensa Negra. Porto Alegre. Editora A Coisa Tá Preta, 2013

BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. Afro-Ásia, n. 23, p. 0, 1999.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Revista Estudos Feministas, v. 22, p. 965-986, 2014.

CARNEIRO, Sueli. A Pensadora é... LÉLIA GONZALEZ. 10 jul 2020. 1 vídeo (2h:43:33). [Live]. Disponível em: Acesso em: 15 mar.2021 Canal Pensar Africanamente

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.P.; GROULX, L.; LAPERRIERE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 295-316

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Sociedade e Estado, v. 31, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. MOREIRA, Núbia Regin. Feminismo negro com Nubia Regina Moreira e Patricia Hill Collins. 8 mar 2019. 1 vídeo (2h:03:56). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IXFMYS3MyP8>. Acesso em: 15 mar.2021 Sesc São Paulo

CORNEJO PARRIEGO, Rosalía. Black is Beautiful: cuerpos negros en Triunfo. Journal of Iberian and Latin-American studies, 04 May 2017, Vol.23(2), pp.157-173.

DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. 19 out 2019. 1 vídeo (1h:03min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s>. Acesso em: 15 jul.2021 TV Boitempo

DE OLIVEIRA COSTA, Albertina et al. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

DE OLIVEIRA, Luiz Fernandes. O que é uma educação decolonial. **Academia. edu. Rio de Janeiro**, p. 1-4, 2004.

DOS SANTOS REIS, Diego. Estéticas afro-decoloniais e narrativas de corpos negros: arte, memória, imagem. **Revista da ABPN** v. 12, n. 34, p. 774-801, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. p.223-244. 1984.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo, p. 24-41, 2016.

MAGALDI, Felipe. MANICA, Daniela; KOFES, Suely. 2015. Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. *Lamparina*. 412 pp. Campos-Revista de Antropologia, v. 17, n. 2, p. 183-187, 2016

MOREIRA, Núbia Regina. O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNICAMP

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos avançados**, v. 18, p. 209-224, 2004.

SANTOS, Neusa de S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. Selo Negro, 2014.

PODCAST: BNcast 01. Entrevistada: Vera Daisy Barcellos. Entrevistadoras: Naiara Leite e Gabi Porfilho [S. I.], nov.2020. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/vera-daisy-barcellos/>. Acesso em: 12 jul.2021

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010.

Reportagem: Angela Davis recomendou: quem é Lélia Gonzalez, ícone do feminismo no país. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/02/01/lelia-gonzalez.htm>. Acesso em: 10 jul.2021

Reportagem: Vera Daisy Barcellos é pioneira no jornalismo esportivo gaúcho. Disponível em:

<https://observatorioracialfutebol.com.br/vera-daisy-barcellos-e-pioneira-no-jornalismo-esportivo-gaucha/>. Acesso em: 10 jul.2021

Reportagem: Vera Daisy eleita nova presidenta do Sindjors. Disponível em: <https://www.jornalistas-rs.org.br/detalhes-noticia/?txtIdNoticia=3170>. Acesso em: 10 jul.2021

Site: Oliveira Silveira 20 de novembro. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/20-de-novembro/>. Acesso em: 12 jul.2021

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. Debate feminista, v. 52, p. 1-17, 2016.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

[Perguntas: Vera Daisy Barcellos]

1) Dados familiares/socioeconômicos

- Idade?
- O que faz?
- Local de moradia
- Tem irmãos? Irmãs?
- Qual a ocupação dele(s), dela (s)?

2) [Trajetória acadêmica/ Militância]

- Ingresso na universidade
- Escolha para curso de jornalismo
- Como foi ser a única aluna negra na turma?
- Relação com movimentos sociais
- Jornalista independente/ Imprensa independente
- Revista Tição
- Cenário da imprensa?

- Participação em organizações de mulheres negras
- Conviveu com Lélia Gonzalez?

3) [Trajetória profissional]

- Relação com o mercado de trabalho
- Quais os principais empregos, atividades?
- Como a experiência de única e primeira em diversos espaços
- Cargo atual no Sindicato dos Jornalistas – Experiência pioneira/única
- 50 anos de profissão: o que destaca?
- Experiência de mulher negra/jornalista/gaúcha

4) Considerações finais:

- Perguntar à entrevistada se há alguma informação adicional que gostaria de acrescentar em relação aos assuntos abordados durante a entrevista
- Perguntar se a entrevista ficou com alguma dúvida.

5) Finalização e agradecimento:

- Agradecer a disponibilidade da entrevistada em fornecer as informações
- Salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição, se houver interesse